João Pedro Escaleira Amaral

Roma, Holanda, Suiça, Brasil. João Escaleira Amaral partiu em 2004 com o objectivo de conhecer e viver novas experiências e diz hoje que cada uma lhe trouxe bagagem cultural. Actualmente no Brasil, está envolvido num projecto de 19 assentamentos precários, dentro do Perímetro de Acção Integrada do Cabuçu de Baixo 5, na região Norte da cidade de São Paulo. Voltar? Sim, mas não é uma opção a curto prazo

Texto: Ana Rita Sevilha | **Fotos:** D.R.

“Penso que o arquitecto em Portugal se afastou da protecção da sua disciplina de pensamento durante algum tempo”

Formaste-te em Lisboa, mas já durante a licenciatura rumaste a Roma no âmbito do Programa Erasmus. Recordas-te o que te levou a ir?

Lembro-me que na altura, em 2004, o que mais desejava era conhecer e viver novas experiências. Influenciado pelo espírito Universitário que me abriu horizontes, compreendi que para a minha formação de arquitecto era fundamental ter um conhecimento prático do mundo, apreender novas abordagens sobre a arquitectura, ver e sentir cidades por descobrir, modos de habitar diferentes, viver fora da minha zona de conforto pela primeira vez. A escolha por Roma surgiu do fascínio pela tradição clássica de que a cidade é exemplo vivo, e pelo modo de vida caloroso do povo italiano.

Segue-se um estágio na Holanda... Como é que se processou?

Após concluir o quinto ano do curso, na altura a Faculdade de Arquitetura da UTL obrigava a fazermos um sexto ano de estágio de forma a concluirmos a Licenciatura. Pois bem, a experiência bem-sucedida que fora o Erasmus deu o mote para fazer as malas de novo. Confesso, que já na altura sentia que teria mais a ganhar optando por sair do País do que a continuar… pelo que, contrariando a opção mais clássica do Erasmus, desta vez procurei um País que se destacasse pelo vanguardismo, pelo pensamento conceptual da sua produção urbana e arquitectónica.
Juntamente com um colega de curso, enviámos uma série de portfólios… umas largas dezenas aliás, e após agendarmos algumas entrevistas, comprámos o nosso bilhete de avião, e terminámos numa cidade, de nome Amersfoort, que se caracteriza por ser o centro geográfico da Holanda e uma das cidades mais procuradas pelos Holandeses para viverem. A experiência revelou-se tão positiva que acabei por ficar dois anos. O atelier em que estagiei possibilitou-me participar em diversas escalas de projecto, tanto urbano como arquitectónico e o desenvolvimento metódico de um pensamento crítico perante a arquitectura. Além de que viajar pelo país possibilitanos ter um acesso *in loco* a um catálogo das mais variadas soluções urbanas e arquitectónicas, que nos permite por nós mesmos julgar a validade e a receptividade das mesmas perante a comunidade e a envolvente construída.

Ainda numa vertente académica, a Suíça foi o país escolhido para continuares a tua formação. Porquê?

A Suíça surgiu numa fase mais recente do meu percurso. Após ter regressado da Holanda para Portugal, cheio de sonhos, aspirações e vontade de vingar a crua realidade do mundo da arquitectura encarregou-se de lentamente me fazer duvidar se o meu caminho seria permanecer num país onde se aposta pouco na formação profissional dos trabalhadores e cuja palavra arquitecto é ainda sinónimo de extravagância e delírio crónico. O pronúncio da crise que se instalou, aliado à vontade de continuar o meu processo de aprendizagem e de mudança - confesso que a busca de novos desafios sem-

pre foi um factor decisivo nas minhas opções de vida - levaram-me a candidatar-me a uma bolsa de estudos na Suíça para frequentar um Mestrado em Estudos Avançados (MAS) em Urbanismo na ETH de Zurique. A Suíça será provavelmente o oposto daquilo que encontrei em Portugal, daí querer conhecer o outro lado do espelho. Além do mais a ETH é uma das mais prestigiadas universidades mundiais no campo da arquitectura, o que a torna uma referência para qualquer arquitecto, embora menos conhecida em Portugal devido eventualmente à nossa ligação anglo-saxónica, que privilegia as relações com as universidades inglesas.

Como é que foi essa experiência na Suíça? O que trouxeste na bagagem?

Estudar na Suíça foi como viajar 20 anos à frente da era civilizacional que vivemos em Portugal. Sem querer parecer ingrato ou antipatriota, a verdade é que o acompanhamento académico, a organização interna dos serviços da Universidade, as condições físico-logística que oferecem aos alunos, o intercâmbio constante com a sociedade civil, as empresas, não tem equivalente com aquilo que encontrei durante o meu percurso académico em Portugal, ou em Roma… Todas estas virtudes podemos depois transportá-las para o dia-a-dia de uma cidade como Zurique. Para além da qualidade de toda a estrutura em torno do curso, a mais-valia de estar inserido numa turma, de 23 alunos de 15 nacionalidades diferentes, com professores convidados dos mais variados contextos, permitiu-me adquirir um conhecimento teórico e prático bastante abrangente e crítico da minha área de estudo. Falta no entanto revelar que área era essa, pois bem, o estudo de territórios informais no Brasil, mais especificamente favelas. O espanto é usual, as pessoas interrogam-se muitas vezes como é que uma universidade Suíça poderá estar interessada em desenvolver uma área de estudo em favelas no Brasil. No entanto, o tema é mais do que actual e obrigatória a sua reflexão. Em 2050, 60% da população urbana será um morador de uma favela. A brutalidade dos números demonstra o quanto é importante entendermos o fenómeno do crescimento urbano informal, e encetar o enquadramento deste fenómeno dentro da disciplina do Urbanismo, uma vez que nós arquitectos nos iremos debruçar com a inevitabilidade deste fenómeno da nossa área de acção, que são as mega-polis, as cidades, a urbanidade enquanto modo de vida.

Um intercâmbio constante com a Perfeitura de São Paulo e o seu departamento de Habitação, assim como no Rio de Janeiro, possibilitou-nos um contacto constante com

> "Eu só posso transmitir a minha experiência, e deixar as pessoas tirarem as suas próprias ilações. No entanto, até hoje ainda não me arrependi do trajecto que tenho feito..."

profissionais que operam nesta área e com os quais foram desenvolvidas, em conjunto, estratégias e protótipos para intervir nestes territórios.

Para responder à tua última pergunta, na bagagem trouxe um projecto de urbanização de favelas que estou a desenvolver em São Paulo neste momento, em conjunto com uma equipe de colegas arquitectos do MAS e o atelier brasileiro MSA+PMA, após termos ganho um dos locais de intervenção do concurso de urbanismo RENOVA SP.

Voltas a Portugal depois de teres passado por essas experiências internacionais.

Ao regressar com o que é que te deparaste?

Neste momento, não posso afirmar que voltei a Portugal. Portugal está-se a tornar num ponto de passagem, um local para retemperar energias, um porto de abrigo. Perante a conjuntura actual, um arquitecto forçosamente terá que ser um cidadão do mundo, a escassez de projectos em Portugal, aguçou a perceção da transversalidade da nossa disciplina, levando os arquitectos portugueses a procurarem mercados exteriores. Gostava de me estabelecer em Portugal, mas dentro desta visão, em que a nossa área de trabalho é o Mundo. Assim sendo, estou há cerca de um mês em São Paulo a desenvolver um projecto de urbanização de favelas, do RENOVA SP.

Em 2010 fundas atelier, o AMATAM. O gabinete está sedeado onde?

O AMATAM não se enquadra no espírito que normalmente define um atelier. Primeiro porque não o é, no seu sentido físico. O AMATAM surge de uma parceria com a arquitecta Manuela Tamborino no âmbito de iniciarmos uma plataforma de desenvolvimento de projectos, mas sem uma ligação física a um local. O AMATAM segue-nos para onde formos. É uma identidade que nos permite identificar e agir enquanto uma equipe de arquitectos que operam em diferentes áreas, desde o design, a arquitectura e o urbanismo, em diversos territórios.

Os trabalhos do gabinete focam-se mais em Portugal ou no estrangeiro?

Neste momento, temos duas obras a decorrer em Portugal, uma consiste de uma reabilitação de uma casa rural, e outra uma moradia nova. No entanto, o que está a tomar mais esforço e dedicação é o projecto em São Paulo devido à sua dimensão e complexidade, porém não o posso considerar um projeto do AMATAM, visto que existem diversos elementos exteriores envolvidos. Como vês, a nossa atenção foca-se nos locais onde conseguimos uma oportunidade de intervir.

Quais as principais dificuldades com que se têm deparado para garantir a sustentabilidade do mesmo?

O estado embrionário em que a nossa estrutura se encontra leva-me a dizer que é tudo menos sustentável, no seu carácter corporativo, no entanto, estamos a dar os primeiros passos e procurando parceiros e alternativas que nos garantam o crescimento que auspiciamos.

As dificuldades existem, e eventualmente agora mais do que nunca devido ao caos político-financeiro em que nos encontramos. Os tempos exigem novas abordagens e uma nova mentalidade, procura de novos mercados e oferta de um produto distinto, cuja mais-valia seja inegável. È com este objectivo que procuramos trabalhar, no entanto o maior problema penso, que para todos, seja a falta de oportunidades.

Já estiveste em Portugal a estudar e a trabalhar, e igualmente no estrangeiro.

Quais as principais diferenças?

Que oportunidades poderá haver aqui que não há lá fora e vice-versa?

Para um jovem arquitecto em início de carreira, onde é mais fácil começar?

Como já mencionei anteriormente penso que uma das principais diferenças é o modo como o arquitecto é reconhecido pela sociedade em que se insere. A partir daqui, as diferenças começam a surgir em catapulta. Sem querer levantar fantasmas do passado, penso que o arquitecto em Portugal se afastou do papel liderante, e da protecção da sua disciplina de pensamento durante algum tempo, talvez potenciado pelo antigo Decreto de Lei 73/73, que recentemente foi revogado. Apesar de hoje felizmente observar o empe-

nho dos meus colegas de profissão na busca de uma democratização da arquitectura, tornando-a acessível e transversal a toda a sociedade, precisamos no entanto que a própria sociedade entenda o papel e a contribuição que nós podemos dar para a melhoria da sua condição de vida, de habitar. Em alguns dos países em que estive, esta consciência por parte das pessoas existia, o que se reflete inquestionavelmente na qualidade da habitação e do espaço urbano das cidades em que vivi, e visitei. Posto isto, é evidente que em países como Holanda, ou a Suíça, torna-se mais fácil iniciar carreira como jovem arquitecto.

Actualmente estás em São Paulo. Em que projecto estás envolvido?

O projecto que estou a desenvolver em parceria, destina-se à urbanização de 19 assentamentos precários, dentro do Perímetro de Acção Integrada do Cabuçu de Baixo 5, na região Norte da cidade de São Paulo, promovido pela Secretaria da Habitação da Prefeitura. Neste momento estamos a desenvolver um plano urbano para uma área de 220 hectares, no qual o grande objectivo da nossa intervenção é sem dúvida converter a precariedade em oportunidade. A área traduz-se num óptimo exemplar de como se deve actuar e requalificar territórios irregulares fragmentados, pois reúne todos os problemas normalmente existentes em áreas desta natureza: deslizamento de terras, alta densidade, córregos poluídos, cheias, fraca infra-estrutura e escassez de equipamentos culturais e sociais.

> "Há que ser criterioso e exigente na busca das melhores opções para a nossa satisfação pessoal e profissional, e se as encontrarmos fora do país, então porque não?"

Como sentes o Brasil em termos de mercado de trabalho para os arquitectos portugueses?

O Brasil encontra-se a viver uma época de crescimento devido aos bons resultados da sua economia, o que se reflete numa forte demanda por habitação, obras públicas e equipamentos privados. Se aliarmos a isso a falta de arquitectos para as necessidades actuais, penso que os portugueses poderão saber tirar vantagem da proximidade cultural, para entrarem neste mercado. Acontece no entanto, que o Brasil tem uma forte lei proteccionista em relação ao emprego de estrangeiros, pelo que poderá não ser tão fácil conseguir um contrato de trabalho no Brasil, como tem sido dado a entender pelos nossos governantes.

No contexto económico, muitas têm sido as vozes que incentivam à emigração. O que podes dizer sobre isso a quem está em Portugal e não sabe se fica ou se parte?

Eu só posso transmitir a minha experiência, e deixar as pessoas tirarem as suas próprias ilações. No entanto, até hoje ainda não me arrependi do trajecto que tenho feito, e o facto de ter emigrado revelou-se sempre uma mais-valia profissional e pessoal. No entanto, emigrar por emigrar, não é solução de nenhum problema. Há que ser criterioso e exigente na busca das melhores opções para a nossa satisfação pessoal e profissional, e se as encontrarmos fora do país, então porque não? Posso também acrescentar, que fui sempre bem recebido, e que os portugueses têm uma grande capacidade de adaptação a novas realidades.

Nunca equacionaste voltar e sedimentar-te cá?

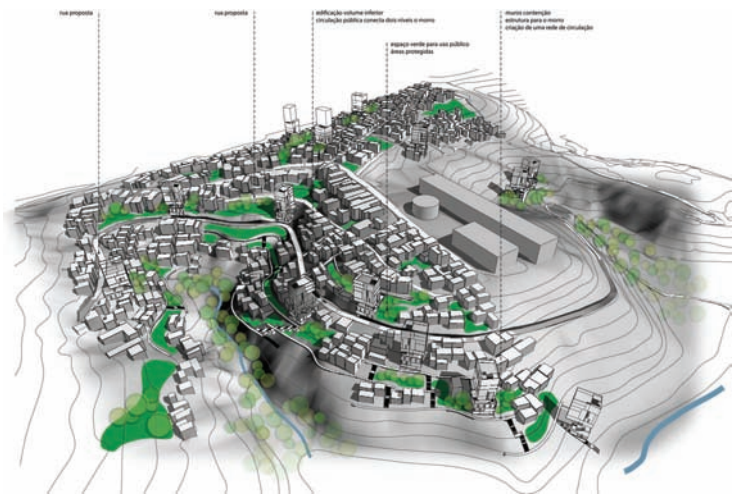
Sim, claro. Gosto muito do estilo de vida que desfrutamos em Portugal, aliás quanto mais estou fora de Portugal, mais aprecio e dou valor à nossa cultura, à beleza das nossas cidades e paisagens. Mas dada a situação actual, penso que não será uma opção a curto prazo.

Quais as tuas ambições enquanto jovem arquitecto a médio e longo prazo?

Esta deve ser a pergunta de resposta mais difícil de toda a entrevista. Sinceramente não sei que rumo levará a minha vida, até hoje nunca acertei nos prognósticos de futuro, as situações surgem e resolvo agarrá-las ou não. No entanto, enquanto arquitecto gostava de ter independência profissional e poder desenvolver projectos que se revelassem um desafio e cujo resultado se traduzisse sempre na aceitação por parte das pessoas que usufruíssem dessas obras.

Nesta imagem estão representadas duas tipologias de habitação social. A primeira, de maior dimensão, apresenta um total de 90 unidades habitacionais: estúdios de 40m2 com áreas comunitárias partilhadas, e tipologias em duplex com 70 m2. Encontra-se na zona central do plano e contorna uma praça multifuncional, que incorpora usos, tais como, biblioteca, praça cultural e comércio local. O segundo tipo de habitação social proposto inclui apartamentos de 50m2 que pode ser ampliado, atingindo os 65m2, é permeável no piso térreo com uma fachada regular sobre o córrego e mais dinâmica incluindo espaços semi-públicos na área oposta ao córrego.

Ficha Técnica:

Nome: Projeto de Urbanização e Regularização do Cabuçu de Baixo 5 – São Paulo
Autores: MSA+PMA ARQUITETURA - Marcelo Montoro e Miguel Saraiva - e COLETIVO URBANO- Christian Figueroa, David Robles, João Amaral e Manuela Tamborino
Consultadoria: Rainer Hehl
Localidade: Cabuçu de Baixo
Área: 220 hectares
Custo obra: 1.500.000,00 euros
Início e Conclusão: 2012

Cabuçu de Baixo 5 corresponde a uma área de aproximadamente 220 hectares localizada no distrito de Brasilândia, situada a Norte de São Paulo. Espontaneamente ocupada numa encosta da Serra da Cantareira a partir de 1970, a área de intervenção conta com 19 assentamentos precários (15 favelas, com quase 5 mil casas, e quatro loteamentos irregulares, que somam 2.023 domicílios). Esta área enfrenta elevados riscos de derrocadas, apresenta escassa infra-estrutura e uma inadequada rede viária e de espaços públicos resultando em áreas informais e densamente ocupadas em topografias muito acentuadas e dificilmente acessíveis. Através da integração de um novo acesso viário bem como um sistema de retenção de terras que actuam em áreas com declives muito acentuados, as unidades habitacionais mais precárias ao longo da encosta serão removidas e uma rede de espaços verdes será introduzida. Os residentes provenientes das encostas mais íngremes e de zonas consideradas "áreas de riscos", serão realocados nas torres habitacionais propostas que actuam como estruturas que reforçam a encosta e se apresentam como espaços públicos de circulação que permitem aceder às áreas mais altas com desníveis acentuados. Novas centralidades, resultantes da introdução pontual destes novos elementos verticais, traduzem-se em equipamentos públicos nos pisos térreos que servem toda a comunidade.
Na área de menor altitude de Cabuçu de Baixo 5, encontra-se uma área com um córrego altamente poluído. Aqui são propostas urgentes infra-estruturas de saneamento básico e a conversão desta área num parque linear que sirva uma grande parte de Brasilândia. As unidades de habitação a serem removidas são propostas juntamente com novos projectos de habitação social, formando um perímetro linear residencial com a simultânea intenção de se introduzirem novos espaços públicos, e equipamentos sociais e áreas comerciais ao longo do córrego e das vias principais.
Um aterro de resíduos sólidos a céu aberto, considerado uma área ZEPAM 03 na parte Sul de Cabuçu de Baixo 5, será convertida em área verde apresentando, na parte Norte do parque, áreas desportivas e espaços públicos que permitam a organização de eventos e na restante área um espaço destinado a agricultura, quando o solo se apresentar purificado e com as condições necessárias para o cultivo do mesmo. Novas vias e uma rede de espaços públicos na parte sul do antigo aterro serão implementados de forma a servirem uma nova área residencial resultante das próximas realocações.